

'A brigada' —
junho 1956



A MORTE DE UM POETA

De EVARISTO DE MORAES FILHO

A CRIATURA humana, a despeito de tudo o que já acrescentou à natureza bruta, não consegue escapar ao determinismo das leis naturais. Pelo espírito é capaz de tudo, ousa tudo, coloca-se fora do tempo e do espaço, sem duração, sem limites. Mas, de que adianta erguer a cabeça para além das nuvens, penetrar no mundo reservado aos deuses, se os seus pés pisam a terra dura e os vermes penetram os seus poros? Pobre homem, se a sua inteligência cria sinfonias, sistemas de metafísica, constrói cidades artificiais e concebe religiões, nada disso o impede de morrer. O seu coração lhe é tão estranho e hostil como um objeto alheio e fora de seu próprio corpo. Não lhe obedece ao comando, sujeitando-se, como o restante de seu corpo, ao cerrado determinismo dos fenômenos cegos que o cercam.

E os poetas também estão sujeitos a todas as formas de embrutecimento. Augusto de Almeida Filho, meu velho amigo, cujo primeiro livro de versos — *Três momentos de poesia* — feito de colaboração com Vítor Pentagna e Anuar Faros no longínquo ano de 1938, eu saudei com entusiasmo nas páginas do *Dom Casmurro*, já não está mais entre nós. Que o levou? Aposto que todos os leitores já o sabem ou o pressentem, tão grande é o número de pessoas que sucumbem estranguladas pelas suas coronárias: enfarto de miocárdio. E Augusto partiu de repente, sem aviso, nem despedidas. Talvez como ele gostasse mesmo de partir, sem a longa e lenta separação do canceroso, vendo o corpo definhando dia a dia, hora a hora, minuto a minuto até a caquexia final, num espetáculo conflagrador da total e absoluta impotência humana.

Não há seis meses publicou Augusto de Almeida Filho o seu último livro de poesia — *Rondó da perdição*, que aqui está em cima da minha mesa, com a dedicatória do seu autor: "Ao meu caro amigo E. M. F. esta perdição em forma de rondó com o melhor abraço do A. M. F." E eu lhe prometera uma crônica, mas sem saber que seria um réquiem de adeus, ao invés de um simples registro de mais uma produção do seu espírito.

Casado, com duas filhinhas menores, nunca deixou Augusto de ser boêmio, transitando por esta vida como quem caminha num mundo da pintura impressionista ou como quem a enxerga com óculos molhados de pingos d'água. A sociedade, os outros homens, tudo sempre lhe pareceu deformado ou iluminado pela sua visão. A mediocridade dos horários certos, a rotina das tarefas de todos os dias lhe doíam na carne como se o estivessem amarrando em correntes. Nunca deixou de cumprir os seus deveres de marido e de pai, Procurador de uma autarquia e jornalista profissional que era, mas a melhor aventura é a do espírito, e Augusto fugia sempre para as regiões inacessíveis do seu sonho e da sua Melpe: o seu mundo imaginário.

A sua poesia é de um forte lirismo de desespero, penetrada da angústia constante de quem se sente perdido no mundo, boiando no nada, desorientado e sem remissão. O pressentimento da morte está presente em quase todos os seus poemas. No *Vento da loucura*, pergunta ele:

"Vento de loucura
De que morte me chegas?"

E em outro passo do livro esta total profecia de quem sabe que morrerá logo, como os poetas românticos, na década dos trinta:

"Por que a morte se aproxima tanto, agora?
— Fácil seria recebê-la
Com a casa arrumada
E as honras de grande visita.
Contudo, ela vem perto e esta vizinhança
Grava, no vazio, o meu terror.
Por que o roer desta amargura?"

Por que este chegar de covardias?
Bem desejei ser diferente
Sem ter sido outro
O tempo de lamentos se cumpriu
Não vale mudar ou reagir
Então que venha logo."

E ela veio, obedeceu ao pedido ou ao pressentimento do poeta, libertou-o da sua angústia, da sua amargura, do seu vazio, dando-lhe em "sete palmos de além a funda intimidade de todos os segredos". O seu *Rondó da Perdição* foi a última mensagem do poeta Augusto de Almeida Filho, como quem deixa para os amigos uma carta de despedida, lírica, bela, definitiva, de onde nunca se chega de torna-viagem.